



Saúde Pública em Fotografia | 2019

Especialidade: *Burnout*
Pedro Afonso

Ficha técnica

Saúde Pública em Fotografia | 2019

Especialidade: *Burnout*

Autor da série fotográfica

Pedro Afonso

Coordenação

Diana Seabra

Henrique Barros

Inês Cipriano

Design & Conceção

André Araújo

Pedro Afonso

Edição

Instituto de Saúde Pública
da Universidade do Porto
(ISPUP)

Rua das Taipas, 135;

4050-600 Porto

NIF: 509093892

Impressão

Marsil - Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal

467452/20

ISBN

978-989-99644-5-7

Todos os direitos reservados®

Este livro foi cofinanciado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), pelos Programas Operacionais Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020), Portugal 2020, e a União Europeia, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional e o Fundo Social Europeu, no âmbito da Unidade de Investigação em Epidemiologia - Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (EPIUnit) (POCI-01-0145-FEDER-006862).

Cofinanciado por:



Agradecimentos

Aos participantes que responderam com motivação a este desafio e que nos enviaram as suas séries fotográficas.

Ao júri do concurso: Henrique Barros, Renato Roque, Samuel Silva e Tereza Siza.

Introdução

O Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) organizou, pela primeira vez, o concurso “Saúde Pública em Fotografia”. 2019 foi o ano escolhido para o lançamento deste primeiro repto à comunidade.

Com o objetivo de fomentar o interesse pelas diferentes áreas da Saúde Pública, o ISPUP convidou a população a participar neste desafio, através do envio de uma ou mais série(s) composta(s) por 12 fotografias inéditas.

Pretendeu-se aliar a Ciência à Arte, unindo-as em unísono, através da Fotografia, para traduzir visualmente os latos conceitos que definem a Saúde Pública.

Henrique Barros

Como é feita a vida? De estranhos cruzamentos, inesperados caminhos de deuses menores que se encontram ao cair da luz, serendipidade que faz descobrir pelo avesso o direito das linhas. A Saúde Pública – a de todos, a primordial, a que primeiro garante o direito à vida e o direito à saúde – que imagem tem? Como se guarda, se enquadra, se congela? Para depois lentamente se dissolver comovida na nossa memória matreira, capaz de todas as invenções. Isso pedimos: devolvam-nos a Saúde Pública em imagens. E o que veio? Um retrato de dores, solidão e cansaço, na confeção de um médico. Serve, mas apenas como princípio de uma história que chegou ao fim.

A fotografia, afinal, no olhar da rua educada, vê ainda o médico – mesmo no seu corpo dorido – como a imagem da saúde. Até da Saúde Pública! Quer isso dizer que não fizemos ainda o nosso caminho, nós os da profissão: a Saúde Pública rima os médicos numa poesia cada vez mais complexa de personagens variados onde ele não é, não deve ser mais, o demiurgo, mesmo que irrisório. Rima pobre, muito pobre, se assim for. E isso vê-se? Ou a resistência ao mundo novo é ainda entre nós vitoriosamente atávica?

Observar estas imagens é como ouvir uma língua que não compreendemos. Faz sentido numa gramática de culturas que não é a nossa. Mas faz sentido, claro. Eis, para começar, a democrática humildade da Saúde Pública: deixemos repor um cordão umbilical que havíamos cortado: A saúde não é mais os hospitais como as cidades já não são as suas catedrais. E os seus sacerdotes são outros. Há muito mais mundos e outros deuses. Partamos daqui, da nossa história antiga. Fechemos a porta desse mundo que já só é história. Fiquemos com as laranjas e o erro de um estetoscópio sobre a roupa. Haja nisso a saúde que procuramos, fora das instituições. Haja um riso, mesmo triste. Haja vida e o instante da imagem. Ao futuro. Saúde em imagens públicas: Saúde Pública.

Tereza Siza

“**Especialidade: *Burnout***” responde adequadamente à proposta lançada pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto. A série é coerente, bem editada, enxuta. Mostra-nos uma personagem, apresentada logo no início, que vive um dia a dia de trabalho, difícil, exigente, muitas vezes pouco reconhecido. Igual a tantas outras. Percorre espaços vazios, equilibra-os com a humanização que o sistema necessita. E deixa-nos, mesmo no final, com uma imagem de esperança.

Move-se entre a fotografia referencial e a fotografia encajada e utiliza economicamente as estratégias necessárias para cumprir a função de despertar interesse, suscitar dúvidas, abrir a interpretações diversas, sensibilizar o observador, seja cognitiva seja sensualmente. A escala tonal escolhida reflete bem esse objetivo, optando por tons quentes nas imagens de contacto humano e tons frios na desertificação dos espaços vazios.

Hoje a fotografia tem como primeira função representar a nossa cultura, os sentimentos do tempo e, como o tempo é de crise e rutura sociocultural, com uma filosofia de consenso pela captação do público, a fotografia deve abanar, levar à dúvida, ao esclarecimento da impotência. Logo, tem que representar o espírito do tempo. E esse mergulha no ceticismo. A fotografia já ganhou o estatuto de inquirir simultaneamente sobre o tema e sobre a sua própria validade como meio técnico e psicológico. “**Especialidade: *Burnout***” é, assim, um bom exemplo de contemporaneidade visual.

Pedro Afonso

“Especialidade: *Burnout*” consiste numa série fotográfica em que os conceitos de ausência e distância são explorados. As imagens assumem-se como uma reflexão acerca do dia a dia de uma estudante de Medicina sobre o contexto que a rodeia.

Natural de Baião, Diana passou grande parte da sua vida em Aveiro, onde concluiu a Licenciatura em Ciências Biomédicas. Mudou-se depois para o Porto para frequentar o Mestrado Integrado em Medicina, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, através do concurso especial para Licenciados. Nesta cidade, deparou-se, pela primeira vez, com uma situação totalmente desconhecida, mas necessária para cumprir o seu sonho de criança.

A série fotográfica foi desenvolvida, numa primeira instância, no contexto do lar, procurando retratar a rotina de uma aluna de Medicina, que precisa de estudar com afinco para a longa semana de aulas. Numa segunda fase, a captação de imagens aconteceu no Centro Hospitalar Universitário de São João, de forma a ilustrar o dia a dia de trabalho de uma estudante desta área, respeitando sempre o anonimato dos utentes e dos profissionais de saúde.

O trabalho foi desenvolvido, tendo como referência a análise das obras de Sarket Protick (com a série “What Remains”), de Lise Sarfati (com a sua história sobre ansiedade na adolescência), de Robert Doisneau (com a série “The end of an Epoch”) e de Edward Honaker (com a sua série sobre depressão e ansiedade).

O objetivo foi criar uma sequência de imagens que remetesse para um ideário de distância, ausência e irrealidade.

Sabe-se que estudar e exercer Medicina representa uma fonte de *stress* acrescido, contribuindo para o desenvolvimento de sintomas depressivos e transtornos ansiosos, levando, não raras vezes, a níveis de *burnout* elevados.

Em 2016, um estudo da Universidade de Lisboa demonstrou que, no curso de Medicina, 23,6% dos alunos apresentavam sintomas depressivos. No mesmo ano, uma outra investigação levada a cabo pela Universidade de Harvard apontou que a prevalência de depressão ou sintomas depressivos entre alunos de Medicina era de 27,2% e que pensamentos suicidas ocorrem em 11,1% destes alunos. Urge encontrar soluções que melhorem a qualidade de vida de uma falange essencial das sociedades modernas.

Especialidade:
Burnout



7:00

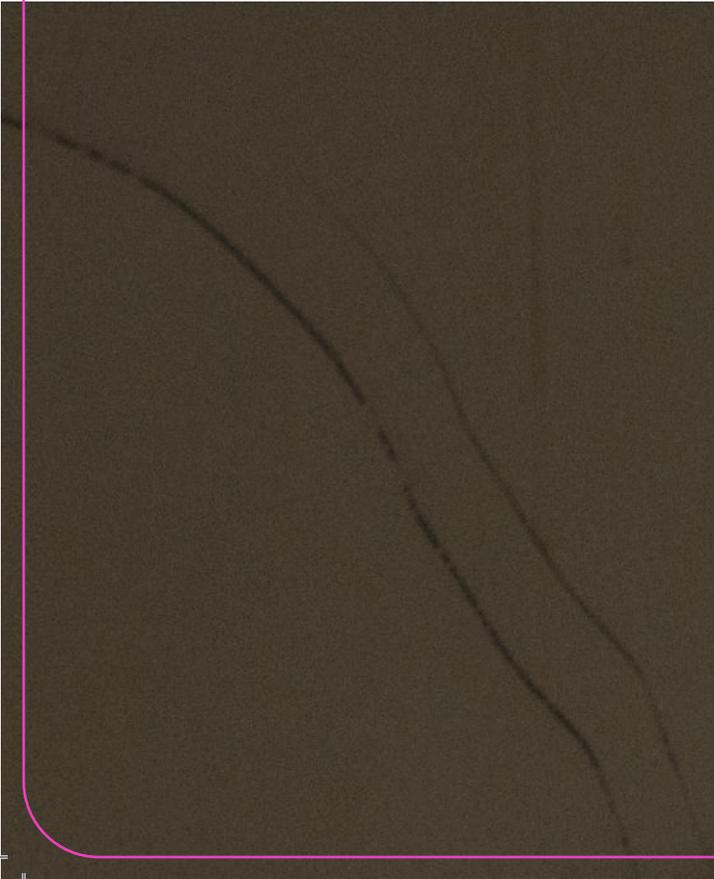




8:00



12:00

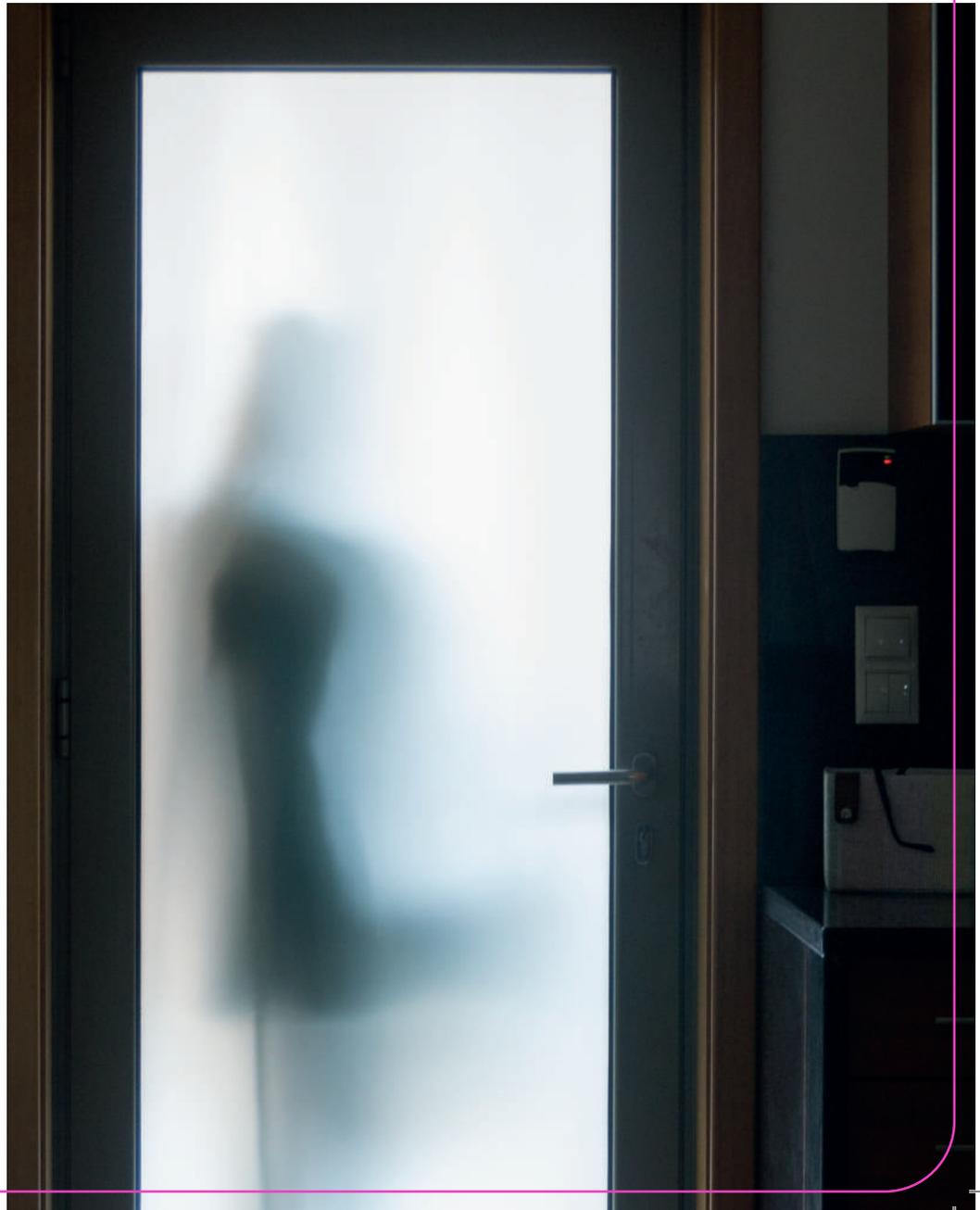




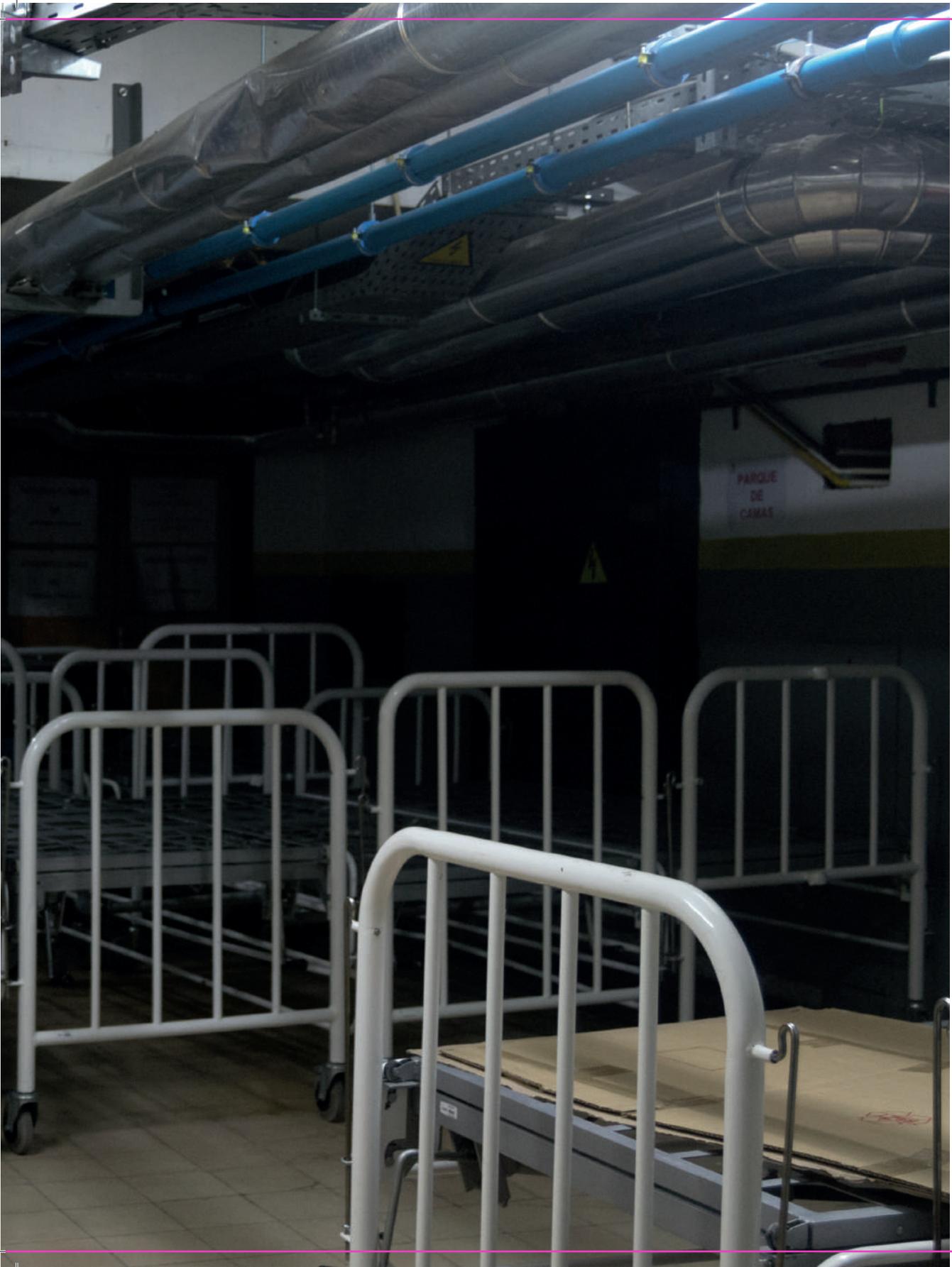


12:30

13:00









18:00

18:28



A rectangular green sign with white text and a white arrow pointing to the right. The text "Saída" is on the top line and "Exit" is on the bottom line.

Saída
Exit

21:12



23:00









00:00

